

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 23 de janeiro de 2019**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Tenacitas, Coimbra 2016, pp. 266-276

- *Negra sombra*
- *L'iniziativa*

Glória

“Em tudo estás e és tudo para mim, e em mim mesma vives, não me abandonarás nunca, sombra que sempre me surpreende” (*Negra sombra*, de R. de Castro e J.M. Capón). É um desejo elementar do homem que se possa anular a diferença entre coisas mais importantes e coisas menos importantes, mas isso só é possível quando todas são investidas por uma Presença que as torna novas. Como diz a Escola de Comunidade, nós não somos capazes de vencer essa separação: “A santidade cristã está nos antípodas do conceito de santidade próprio de todas as religiões, nas quais ela é entendida como uma separação do quotidiano normal” (p. 266/7). Em alguns momentos, quando acontece um evento particular, pode falar-nos daquele “tudo”, mas, depois, volta-se à separação. Por isso, é uma bela provocação; mas, mais do que uma provocação, é uma belíssima promessa: a experiência elementar que a pessoa descobre descrita numa canção pode tornar-se quotidiana, porque é o que todos nós desejamos. A concepção cristã da vida afirma justamente que “nada é profano” (*ivi*), que nada é sem valor, que tudo se pode tornar sagrado, ou seja, crucial, decisivo para viver.

Mas muitas vezes perguntamo-nos: como é que isto é possível? Como é possível que uma circunstância se possa tornar sagrada quando nos parece sem valor, sem interesse, sem utilidade? É uma questão que não pode não interessar a quem quer verdadeiramente a vida. Independentemente do que a pessoa faz na vida e do que ela quer, independentemente da imagem de santidade que tem na cabeça e de lhe interessar ou não ser santa, não pode não ter interesse em que cada circunstância tenha valor! Este é o primeiro desafio que o texto lança sobre o nosso conceito de santidade, muitas vezes reduzido a algo devoto ou a algum tipo de super-herói, em vez de a considerar como alguma coisa que tem a ver com a vida, com o quotidiano da vida.

Uma pessoa que não pode estar aqui, pergunta-me: “Quando o meu filho me deixa muito irritada (como aconteceu ontem, porque ele não me ouviu e fez o que queria), pergunto-me: como é possível que isso se possa tornar sagrado, ou seja, em função de Cristo?”. Quando o teu filho te deixa maluca, ou o atiras à parede ou és obrigada a olhar para ele na sua verdade. E então, remete-te a Cristo, que é a verdade do teu filho. Mas normalmente não seguimos a provocação da realidade, não nos deixamos despertar por ela e, então, é como se faltasse sempre uma peça. Qual?

Sou inquieta por natureza e, neste último período, fiquei ainda mais. O motivo é muito simples: ultimamente sinto que tenho um coração de pedra, parece que estou impermeável às coisas, parece que não retenho nada do que me acontece e, à noite, vou para a cama com uma tristeza evidente e sentindo uma falta profunda. Obviamente perguntei-me o motivo desta tristeza e desta falta, e não pude deixar de reconhecer que são sinais que traduzem com palavras diferentes o afecto que tenho por Cristo. Todavia, ter reconhecido isso parece-me que não basta: não me torna mais contente e nem mais atenta durante os meus dias. Em suma, parece que o meu coração continua sendo de pedra, excepto em alguns momentos de lucidez no decorrer do dia. O que falta, então? Porque é que não acontece nenhuma mudança em mim? Li o texto da Escola de Comunidade sobre isto, mas tive muita dificuldade em perceber, e acabei por bloquear, porque me pareceu que a santidade coincide com a pessoa ser boa e justa, com uma pessoa que não incorre no impedimento que é o pecado. Porém, eu não sou boa nem justa. Então, pareceu-me uma santidade distante e também pouco desejável porque o que me interessa na vida não é ser “capaz” (eu nem conseguiria!). Por isso peço uma ajuda sobre qual é o caminho que devo percorrer. O que falta na minha experiência que eu não

vejo? O que significa “para mim” ser chamada à santidade? Acho que intuo que de um modo geral, a peça que falta pode ser um afecto por Cristo, que deve crescer...

Precisamos de deixar estas perguntas abertas, lembrando que não é através de explicações que podemos captar o que tentamos perceber, porque isto se revela só na experiência. Por isso, ajudemo-nos uns aos outros com os nossos testemunhos. A primeira questão, amiga, é que todos temos a tua tentação: a de querer medir a nossa mudança. Dizemos: “Nada muda”, “tenho o coração de pedra”, “não percebo nada”, “não sei o que é a santidade” e, assim, prevalece sempre aquilo que falta. Mas quando tu estás triste, quando sentes que falta algo, nunca pensaste que essa tristeza e essa falta poderiam ser algo que punge dentro de ti para te fazer voltar para Ele? Talvez começarias a dar-te conta de que a mudança já está acontecendo dentro de ti.

O que significa, para ti, ser chamada à santidade? Ser chamada a viver verdadeiramente a tua humanidade, a viver tudo – a falta, a tristeza, a incoerência e até o teu mal – dentro do teu relacionamento com Cristo. De facto, não é questão de ser boa e capaz, justamente porque tu não és; tu precisas deixar que Ele invista cada circunstância da tua vida. A criança chora e procura a mãe não porque seja capaz, mas porque precisa dela. O ponto, então, é se tu usas essas necessidades, como dizemos sempre, até o gesto mais banal, até a falta mais elementar, como ocasião para viver a relação com Cristo. Essa é a peça que falta. A criança não se detém diante do facto de não ser capaz, não se coloca esse problema, chora porque precisa de uma relação, chorando entra em relação. Tudo serve para entrar numa relação. Analogamente, o chamamento à santidade diz respeito à possibilidade de que tudo o que vivemos se torne caminho, se torne sagrado, se torne ocasião para uma relação. Mas é preciso descobrir isto na realidade.

O trecho da Escola de Comunidade sobre a santidade iluminou um pedaço da minha experiência. Quando Giussani fala do milagre, diz que “para poder ser considerado uma chamada para Deus [...] deve ter uma função edificadora da consciência da pessoa” (p. 272/3). Isto marcou-me muito, porque o milagre não é uma coisa evidente em si.

O que quer dizer “função edificadora da consciência da pessoa”?

Que aprofunda a minha consciência e, por isso, percebo mais quem eu sou.

Quem tu és e para o que foste feita.

Por isso, se não é isto, a contrariis, não é milagre, porque não me edifica. Logo depois Giussani esclarece que a condição para perceber isto é que eu tenha “espírito religioso [...] o sentido da [minha] própria sujeição original”; e acrescenta que a questão se joga toda na liberdade que escolhe “entre a auto-suficiência e a dependência, entre a vida como afirmação de si mesmo e a vida como afirmação de um Outro” (p. 273). Isto impressiona-me porque a consciência do sentido da minha sujeição original é a única coisa que me faz ver os milagres que Deus realiza. Ou espero tudo do Único que pode responder à minha necessidade infinita de felicidade – e isso torna-me pobre e atenta aos sinais – ou iludo-me achando que não sou mais dependente e que o que me pode realizar é aquilo que eu faço, ou seja, iludo-me achando que sou, de algum modo, autossuficiente. E isso rapidamente me desilude e me amargura. Dou um pequeno exemplo. Eu e alguns amigos organizamos uma festa de aniversário pelos quarenta anos de uma amiga muito querida. Um lugar muito bonito, muitos convidados, buffet, jogos, vídeo, cantos, tudo cuidado nos mínimos detalhes. No dia seguinte, uma amiga perguntou-me se eu tinha ficado contente com a festa e eu respondi que tinha chegado muito cansada e esgotada porque tinha trabalhado à tarde, mas que, aderir a cada instante àquilo que acontecia tinha me regenerado, inclusive fisicamente. Depois, disse-lhe: “Porém, a coisa que mais me marcou, e que trouxe para casa, é que preparamos tudo com cuidado, mas o que aconteceu foi muito, muito mais! E isso era a única coisa que podia tornar plena, e não amarga, aquela festa, quer dizer, o facto de eu não esperar a plenitude daquilo que eu tinha feito, mas só d’Ele, que Ele tornasse pleno e verdadeiro o que eu tinha feito”. E como me pareceu que eu não me tinha explicado bem, fiz uma comparação: “O trecho da antifona do ofertório que diz ‘Nós Te oferecemos as coisas que Tu nos deste, e nos dás em troca a Ti mesmo’ sempre me impressionou, porque é uma ‘troca’ realmente ímpar! Eu dou-Te o que me deste e Tu, em troca, dás-me a Ti mesmo. Que desproporção! Mas essa

desproporção é a única proporção adequada à minha condição humana. Foi isto o que me aconteceu naquela festa e é por isso que eu pude aproveitá-la”. Quando terminei de falar isto com ela, fiquei surpreendida não só porque era verdadeiro e correspondia totalmente ao que eu tinha vivido, mas porque era como se tivesse percebido o fundo da questão graças às palavras da liturgia. Quando Giussani afirma que no cristianismo não há nada de profano, diz exactamente isso, senão, como teria sido possível para mim usar uma frase da liturgia para explicar uma festa – uma coisa profana! –? Porque este trecho explicava melhor do que qualquer outra coisa aquele pedaço de realidade que foi vivida assim, uma coisa profana, mas não mais profana, ou seja, sagrada. E isso faz-me perceber que é realmente verdade que, vivida desse modo, “toda a realidade é o grande templo de Deus” (p. 267).

Em qualquer situação, não só quando falta alguma coisa, mas quando há tudo, por exemplo, quando uma festa é muito boa, se não somos remetidos para além, ao Único que dá sentido a tudo, estamos acabados. “Eu não esperava a plenitude daquilo que eu tinha feito, mas só d’Ele, que Ele tornasse pleno e verdadeiro o que eu tinha feito”. Muitas vezes pensamos que a vida torna-nos tristes porque falta algo, e que se as coisas andassem bem, tudo estaria certo. Porém, não; mesmo quando as coisas vão “às mil maravilhas” – como se usa dizer –, se elas não me escancaram ao Único que pode preencher a minha vida, não posso dizer, como a liturgia, que ofereço a Deus tudo o que faço para que me dê a Si mesmo. É a isto que somos chamados, para que tudo o que acontece na vida possa tornar-se sagrado. É o caminho que somos convidados a fazer. Porquê? Porque quanto mais entramos neste nível da realidade em que consiste a santidade, tanto mais a vida começa a tornar-se interessante e percebemos como nada é irrelevante, nada é profano e tudo pode ser sagrado, tudo me pode colocar em relação com o Único que pode responder às minhas perguntas.

Isto responde também a uma pessoa que me pergunta: “Gostaria de pedir que me explicasses a palavra ‘liturgia’, usada no parágrafo sobre a unidade como postura de vida”. Não há uma maneira mais bonita de explicar essa palavra – liturgia –, a não ser do modo como escutamos agora! Por quê? Porque se percebe a profundidade da liturgia não só quando vamos à Missa, mas também quando vivemos toda a realidade segundo a dinâmica mais profunda daquilo que celebramos na Missa: oferecemos a Cristo o pão e o vinho e Ele dá-se-nos a Si mesmo. Vivendo as coisas desta maneira, começamos a perceber a realidade com uma diversidade tal que nos espanta. “Deste modo”, diz Giussani, “a santidade não é algo anormal [não é algo fora do comum]: ela é senão a realidade humana que se realiza segundo o desígnio que a criou”; então, “o santo é o homem verdadeiro”. E por que é verdadeiro? “Porque adere a Deus” (p. 267). A questão é se em tudo o que vivemos podemos aderir a Deus que vem ao nosso encontro justamente através daquilo que vivemos.

É isto que devemos esclarecer pouco a pouco esta noite: o que quer dizer aderir a Deus? O que quer dizer que a santidade consiste na realização integral da própria personalidade?

Tenho uma pergunta precisamente sobre este ponto: “Santo é [...] o homem que realiza mais integralmente sua própria personalidade, aquilo que ele deve ser”, personalidade que, mais adiante, identifica com a “clareza da consciência do verdadeiro e pelo uso da sua liberdade” (pp 267). Este trecho fez voltar ao meu coração o desejo, o anseio de que a minha vida não seja inútil, que possa ser verdadeiramente realizada segundo o desígnio de Quem me criou. Ultimamente, o trabalho tem me causado duas reacções: por um lado, é um grande aliado deste anseio (porque me exorta a uma utilidade, a uma realização), por outro, muitas vezes dá origem a um certo esquema de realização que, se não acontecesse, representaria para mim um “a menos”. Quando percebo este esquema, pergunto-me: “O que modela a minha personalidade? O que determina a minha autoconsciência?”. Até só pelas perguntas que faz surgir, não acho que seja um problema a imagem que faço da minha realização, por exemplo do ponto de vista profissional, mas preciso que permaneça o espaço para o desejo de um Tu ao qual pertença. Pergunto-te: quais são, para ti, os indicadores de que a realização da tua personalidade é segundo o desígnio de Deus, mesmo quando não encontra correspondência em nenhuma das projeções pessoais sobre aquela que deveria ser a tua realização?

Quais é que tu achas que são os “indicadores” da realização da tua pessoa? Tomemos o teu exemplo: no trabalho, o que é que realiza mais a tua pessoa? Quando a realidade que está na tua frente é um aliado ou quando se torna um esquema?

É um aliado quando me abre.

Abre a quê?

Antes de mais nada, faz com que eu volte a reconhecer-me como um mistério a mim mesma, enquanto um esquema é algo que preciso apenas demonstrar.

A pessoa sabe que está a realizar a própria personalidade quando – diz Giussani (como tu citaste antes) – tem uma clareza na consciência do verdadeiro e quando experimenta um uso adequado da própria liberdade. Quando tenho consciência verdadeira de mim? Quando vivo a realidade de dentro de um esquema, a ponto de sufocar, ou quando tenho uma consciência tal da realidade que posso respirar? Esta é a questão. Para mim, uma das frases mais espetaculares deste capítulo é esta: “O santo [...] torna a presença de Cristo actual em cada momento [vive constantemente desta Presença em cada momento, pouco a pouco] porque Ele determina, de modo transparente, o agir”. Em que é que se vê isto? No facto de que “o santo é totalmente presente a si mesmo” (p.268). O que é que isso quer dizer? Quando leio esta frase, de que tanto gosto, não posso não deixar de me lembrar daquela personagem de Graham Greene que vive a experiência exatamente contrária: “Para mim o presente nunca é agora” (*O fim da aventura*, Ed. D. Quixote, 2016). Aquele homem nunca coincidia consigo mesmo, nunca estava presente no agora que estava a viver. Em suma, quando tenho uma consciência adequada da realidade, estou totalmente presente a mim mesmo naquilo que vivo. Pensem simplesmente em quantas vezes hoje vocês estiveram presentes naquilo que viveram e quantas vezes esperaram que terminasse isto ou aquilo para que “começassem a viver”. Então, começarão a perceber como é interessante a perspectiva que Giussani coloca. Na maioria das vezes, nós, ao invés de estarmos inteiramente presentes a nós mesmos naquilo que vivemos, estamos apenas à espera que algo termine para começar a experimentar aquilo que, segundo as nossas imagens, deveria ser a vida. Ao contrário, quando uma pessoa vive totalmente presente a si mesma, ou seja, com a consciência de si inteiramente escancarada ao que está a acontecer, então respira. Ainda que se canse fisicamente, pode repousar porque está a viver plenamente. Neste sentido, percebe-se o que é a santidade e por que é que a verdadeira personalidade é a pessoa que “se realiza”, ou seja, “cumpre a ideia para a qual foi criada” (pp. 267). Qual é a ideia para a qual fomos feitos? A felicidade.

Por isso, os dois indicadores são a consciência de si – como *clareza da consciência* do verdadeiro – e o uso da própria liberdade – como *governo de si*. Mas, muitas vezes para nós, isto é muito, parece-nos muito, tanto é verdade que não acreditamos que possa tornar-se nosso.

Gostaria de retomar contigo alguns trechos deste capítulo. Na página 267, lemos: “A atividade humana torna-se totalmente significativa: qualquer acção [e sublinho: qualquer], mesmo que aparentemente menos influente, adquire a nobreza de um grande gesto”. Pouco depois, na página 270, diz: “Deste ponto de vista, todas as coisas são milagre [sublinho: todas]. Nós não nos apercebemos disso [poderia dizer: eu não me apercebo] porque vivemos como que fora da trama original que nos constitui, tendemos a excluir-nos a nós mesmos do nexo original com a realidade objetiva”. Quando li estas coisas surgiu em mim uma espécie de objecção, digamos, uma pergunta, em sentido um pouco mais nobre.

Vem à tona o nosso cepticismo.

Será que às vezes somos um pouco exagerados ou muito optimistas em dizer que toda acção e todas as coisas são milagres? Ou não percebi o que está na página 270? “Sem uma precedente, ao menos implícita, simpatia por Deus, não é possível colher um acontecimento como milagre”.

Vamos começar pela primeira questão, depois falaremos desta última. “Será que não somos um pouco exagerados ou muito optimistas...? Quem, mais do que qualquer outra coisa, responde a essa tua pergunta?

A minha experiência.

A tua experiência? Não! Senão tu não terias essa objeção. Quem coloca em discussão o nosso cepticismo?

Ver um testemunho pelo qual é...

Os santos! Os santos são aqueles que respondem à nossa objeção. E o exemplo que *don* Giussani dá, de Hermano, o Estropiado, é muito claro. Ali, não falta nenhuma das objeções que nós fazemos.

Não, não.

Para ti, parece muito otimista a ideia de que toda a acção possa se tornar significativa.

Um pouco ingénua, não realizável.

Que é como dizer: “É irreal, é uma fantasia. Não existe na vida coisa do género, seria uma anormalidade”. No entanto, aqui, é colocado diante dos nossos olhos um homem para o qual os seus desassossegos são nada em relação à descrição que Martindale faz de Hermano, no entanto a sua vida prova quanto é possível que toda a acção, mesmo a mais simples, adquira um valor infinito. Por isso, quando algum de nós acaba na armadilha da sua própria medida deve pelo menos abrir-se à possibilidade de que aquela experiência seja acessível também para nós, como foi para alguém como Hermano, que tinha muito mais dificuldades do que nós. Não há argumentos que possam suplantar um facto assim. Martindale escreve: “Nem sequer por um instante, durante toda a sua vida, se pôde ter sentido ‘aconchegado’ ou, pelo menos, livre de qualquer dor”. Nenhum de nós poderia descrever a sua vida assim, mas não é este o ponto. Porém, o que se vê em Hermano? Não a afirmação do seu moralismo, mas “o triunfo da fé que inspirou e do amor que foi leal à fé professada”. Giussani conclui: “Tudo se pode transformar [até aquilo que nos parece impossível, tanto é verdade que dizemos que é muito otimista pensar nisso] [...] se for vivido numa relação com a realidade verdadeira [ou seja]: se for ‘oferecido a Deus’” (p. 269).

O verdadeiro desafio que a Escola de Comunidade nos coloca hoje, é que tudo, realmente tudo, também aquilo que nós consideramos absolutamente profano, dor, circunstância, vida, tudo pode ser transformado. Alguém pode dizer: “É muito otimista, nem vou levar em consideração a possibilidade de verificar, elimino isso”, e a pessoa perde a possibilidade de verificar o que o cristianismo introduziu na vida. A quem de nós, qualquer que seja a imagem de santidade que tenha, pode não interessar que a própria vida seja plena? A pessoa poderá não estar nem aí para a santidade: “Não quero ser santo porque não consigo imaginar o que isso significa, também não tenho força de vontade para me tornar um”. Mas interessa a qualquer pessoa que tudo possa ser transformado em plenitude de vida, interessa a qualquer de nós aqui presente. A santidade é exactamente isto. A questão é que normalmente não sabemos como alcançar tal plenitude e, então, fechamo-nos.

Senti-me muito provocada por um acontecimento dos últimos dias. Como um banho de água fria, há alguns dias chegou a notícia de que o pai de uma amiga minha estava muito mal: notícia que evidentemente nos transtornou a todos. Simultaneamente, li o trecho que tu acabaste de citar, onde, falando de Hermano, o Estropiado, se diz: Tudo se pode transformar, e pode mostrar admiravelmente os efeitos da sua transformação, se for vivido numa relação com a realidade verdadeira: diz a tradição cristã, se for ‘oferecido a Deus’” (p. 269). Esta passagem perturbou-me muito. Se penso na transformação, nos “efeitos” de uma transformação e, portanto, num milagre, o único cenário que consigo imaginar é a cura (coisa que, aliás, continuamos a pedir). Todavia, como a cura pode não acontecer – e é preciso começar a avaliar também esta possibilidade –, vem-me a dúvida de que tudo pode ser transfigurado (também a dor, a doença, etc.) só porque enfrentar o facto de que a alternativa é a cura ou a morte é terrível. Apegamo-nos a algum tipo de consolação para encontrar um ponto de apoio para uma dor que, de outro modo, não é possível suportar. Por outro lado, percebo que não é pela força de palavras nem de autoconvencimento que posso vencer o mal-estar que experimento diante do que don Giussani diz. Como derrubar esse muro?

Como é que tu achas que é possível?

Bom, vim aqui por causa disso!

Quando chegamos ao ponto de sermos desafiados pela realidade, a fé, o que a fé propõe como experiência, parece-nos um tipo de consolação que não tem consistência suficiente para transformar

tudo. Como podemos responder? Dizendo que é uma consolação e eu dizendo que não é? Não, é preciso apenas uma coisa, caríssima: verificar se a história de Hermano, o Estropiado, é uma consolação ou se a sua experiência é possível, ou seja, se tudo pode ser transformado quando é vivido em relação com a realidade verdadeira, quer dizer, quando estamos abertos à realidade de Cristo. Como é que o Mistério faz o nosso esquema ir pelos ares? Como é que rompe a nossa medida, que não nos permite escancarar o olhar? Através de uma iniciativa absolutamente misteriosa, mas real, poderosa: o Mistério começa a fazer-nos ver em ação aquilo que parecia impossível. Uma pessoa (que não conseguiu estar aqui esta noite) escreveu-me dizendo que se sentiu realmente desafiada por uma situação familiar particularmente dolorosa e na qual, aos poucos, começou a deixar entrar esta Presença: “Tudo mudou no dia em que eu disse ‘sim’ [começou a ser transformada quando começou a dizer sim] ao Senhor, quer dizer, quando Lhe disse: ‘Eu aceito, não sei como é possível [a minha razão não é a medida: não sei como é possível, não consigo perceber como pode ser possível], mas intuo [deixo aberta a possibilidade] que o meu bem passa através desta circunstância dolorosa. Mas preciso de Ti para viver esta situação, ajuda-me a procurar-Te cada dia em cada circunstância’ [deixando-O entrar naquela circunstância, começou a percebê-lo não como uma consolação fruto de autoconvencimento, mas como algo real]. A meu ver, este é o cêntuplo aqui, que o Senhor tem guardado para mim, e dizer isso faz as minhas pernas tremerem. Penso que isto é mesmo um milagre. É a evidência de que aquilo que para mim era só negativo (a dificuldade da qual falava) foi o instrumento necessário usado por Deus para que eu abrisse os olhos e olhasse realmente para a situação e para a realidade que nos rodeia”. O Mistério pode permitir uma situação dolorosa, mas se nós a vivemos com Ele, se dizemos este “sim”, se seguimos a modalidade com a qual Ele nos leva ao destino, então o olhar começa a alargar-se, a dilatar-se, os olhos abrem-se para ver a realidade que nos rodeia, a realidade verdadeira. A carta continua: “Percebo que isto pode parecer um paradoxo, porém, na realidade, é a verdadeira vida, olhada não segundo a minha medida, mas abandonando-me àquele abraço terno que hoje sinto forte sobre mim e sobre a minha família. Que graça!”. Tudo muda no momento em que O deixamos entrar. Não é Hermano, o Estropiado, mas simplesmente um de nós que, diante de um desafio, fez o mesmo movimento de Hermano, o Estropiado e, então, começou a ver os sinais, a ver o que antes não via. E isso mudou a maneira de entender a circunstância: em vez de a entender como sendo contra si, começou a vê-la como instrumento para aquela educação da qual falávamos antes. “Deus tornou-se familiar à vida do homem: o modo como se dirige a ele exprime-se numa familiaridade experimentável através do milagre. O milagre é, por isso, o método da relação quotidiana de Deus connosco, a modalidade com a qual Ele Se torna objetivo no contingente” (p. 270). Quando nós começamos a olhar para a realidade deste modo, experimentamos o que o texto da Escola de Comunidade diz: tudo se torna milagre.

Gostaria de contar um facto que me aconteceu no trabalho e que me fez fazer experiência do que o texto diz sobre o milagre. Trabalho num Centro de Oncologia e, há alguns dias, uma rapariga em estado terminal começou a fazer uma terapia paliativa. Ela é muito jovem, com uma história familiar muito difícil e dois filhos pequenos. Quando chegou, eu e as minhas colegas ficámos atónitas com a imponência e a impotência do que estava a acontecer diante dos nossos olhos. Ficámos em silêncio e não conseguíamos sequer olhá-la nos olhos. Doía-me muito, não conseguia deixar de pensar nela e na sua família. Sentia-me como que numa gaiola de dor, uma gaiola sem saída. E, enquanto voltava para casa de carro, disse a Jesus que estava muito, muito zangada com Ele porque não podia deixar que uma mãe tão jovem pudesse sofrer tanto. Falando com o meu namorado, ele disse-me para eu fazer uma oração por ela e eu respondi: “Não, absolutamente não, eu não vou falar com Jesus porque estou com raiva d’Ele!”. Depois, à tarde, lendo a passagem sobre o milagre eu realmente revoltei-me, fiquei furiosa, e disse: “Não, não posso dizer que o que vi esta manhã é um milagre, porque é uma tragédia”. Foi uma punhalada no meu coração ler o que don Giussani diz: nós “chegamos ao ponto de pretender como atitude crítica o que não passa de aridez” (p. 270).

Atenção! O que nós chamamos de “atitude crítica”, ou seja, realismo, nada mais é do que “aridez”. Percebem a diferença?

Caramba, era realmente verdade! Eu estava fechada na minha atitude, que eu considerava verdadeira, mais inteligente, mais realista, etc. Na verdade, a minha atitude era reduzida, não era completamente verdadeira.

“Era reduzida”, portanto, árida.

E intuí isso através de uma luz que brilhou.

Olhem só! “Uma luz”. A experiência não nos deixa seguir em frente por muito tempo sem que se acenda alguma luz. E qual foi a luz?

Essa atitude não me dava nem paz nem alívio.

“Nem paz nem alívio”.

E quando uma atitude diante da realidade te fecha, em vez de te libertar, significa que falta algo, ou que algo não está bem.

Para perceber isso não é preciso fazer um mestrado, basta seguir os sinais, as luzes da realidade.

Eu estava exactamente assim. Lendo a descrição de Giussani da relação entre Jesus e o Pai vivido numa “transparência imediata”, comecei a olhar para mim mesma, como se estivesse diante do espelho: num segundo, foi como se tivessem vindo à tona todos os momentos nos quais vivi por graça essa transparência e eram mais vivos que nunca. É como se essa possibilidade tivesse entrado também ali, naquele momento. Comecei a chorar de comoção, porque fiz uma experiência de consolação que tinha aberto todos os meus fechamentos. E aquela rapariga, sim, tornou-se então um milagre para mim: porque a realidade não é milagre quando eu posso medi-la ou modelá-la como eu quero, mas é milagre “o método da relação quotidiana de Deus conosco, a modalidade com a qual Ele Se torna objectivo no contingente” (p. 270). E o bom Deus serviu-se justamente dela para me acontecer a mim.

Percebem? A luta é contra relacionar-se com a realidade com uma aridez que nos impede de ver e a que chamamos de postura crítica (“Nós percebemos mais as coisas do que os outros!”). Mas, de repente acende-se uma luz: nem paz nem alívio. A alternativa é abrir-se e, então, aparece uma outra possibilidade, que é o contrário da aridez. E qual é o contrário da aridez, segundo Giussani? A “transparência imediata” (p. 270) aos nossos olhos, da realidade, assim como Jesus a vivia. Não é um problema de moralismo, mas de atitude em relação à realidade. Não é preciso nenhum dote particular, nenhuma energia particular, é preciso simplesmente escancarar o olhar para ver a realidade enquanto acontece. Para ti, bastou entrar essa possibilidade e não pudeste evitar chorar de comoção. Diferente de consolação! Esta é a modalidade objetiva da relação de Deus com cada um de nós. Mas como podemos educar-nos a viver essa transparência? Como acontece? Como se torna quotidiana?

No texto, lemos: “Assim, quanto mais a pessoa viver a fé na presença de Cristo na Igreja, mais crescerá o espanto pelos sinais de Deus, mesmo na situação mais oculta, mesmo no assalto dos pensamentos mais recônditos. Então, não é preciso nenhum choque especial para recordar a origem que constitui a vida, bastará apenas a normalidade do instante” (p. 270).

Percebem? “Não é necessário um choque especial”, um espectáculo hollywoodesco que nos marque; “bastará a normalidade do instante”.

Digo isso porque o que vivi neste último ano foi a confirmação da intuição que tive muitas vezes, seja sobre o cristianismo seja sobre o Movimento, e é o facto de que não há nada de mecânico, e se tu és ajudado a estar nas coisas, também é mais fácil e mais bonito. Mas isso não é óbvio. De facto, antes de me reaproximar do Movimento, afastei-me por uma série de circunstâncias, justamente porque não aceitava o contínuo “movimento” da vida, o facto de que não resolvo todas as coisas e de que não há uma resposta para tudo, para todas as circunstâncias. Via as coisas seguindo em frente desse modo e, por isso, estava insatisfeito, evidentemente. A grande descoberta deste ano foi dar-me conta de que as coisas acontecem e, para mim, basta estar atento.

Atenção! “A grande descoberta foi dar-me conta de que as coisas acontecem”, ou seja, dar-se conta do milagre que está a acontecer. Certo?

Sim. Dou dois exemplos. Este ano comecei um estágio num Centro para pessoas com lesões cerebrais, por isso, trabalho com pessoas com uma série de problemas. Inicialmente, estava muito

contente porque era um lugar muito bonito. Depois, embora indo até lá com uma certa expectativa, aos poucos a vontade de ir foi-se tornando cada vez menor. Porém, vejo que de cada vez que vou com uma atitude de espera, acontece sempre alguma coisa que me surpreende. Acontece a mesma coisa com a equipa de futebol infantil que eu treino: normalmente, vou com a ideia de que tenho de lhes ensinar tudo perfeitamente, que as coisas devem durar um certo tempo. Porém, todo esse esquema se desmonta aos poucos. E quando estou disponível para o que eles me dão, que me fazem ver, é mais bonito. Nestas coisas que me aconteceram e me acontecem, a companhia de algumas pessoas (a minha namorada e alguns amigos universitários) é essencial para tentar não perder nada. Senão, acho que ainda estaria parado no ano passado. Porém, infelizmente, apesar de tudo isso, algumas vezes tenho muita dificuldade em olhar e confiar. Gostaria de ter a certeza de que esse método convém. Não a tenho, e não gosto disso.

Esta noite já surgiram algumas sugestões sobre como se chega a essa certeza. A questão é se tu vais atrás da iniciativa que o Mistério tomou contigo. É preciso dar-se todo o tempo necessário. Nesse sentido, a coisa educativamente fundamental, tu citaste: “quanto mais a pessoa vive a fé na presença de Cristo na Igreja”, tanto mais é capaz de perceber os sinais de Deus, também nas situações mais escondidas.

Domingo à noite ouvi o Concerto para Orquestra, de Bartók (compositor húngaro que viveu entre os séculos XIX e XX). Todo o terceiro movimento dessa peça é percorrido pela insistente presença de uma nota muito aguda (um si, para ser preciso), executada pelo flautim, com o qual cada secção da orquestra entra, uma a uma, em diálogo. O que mais me impressionou foi o que acontecia comigo: enquanto ouvia, toda a minha atenção estava voltada para o flautim que, naquele ponto, naquele momento, era o protagonista de toda a execução. Naquele mesmo ponto, porém, naquela única nota, consumava-se uma luta dramática: de um lado, a possibilidade de esgotar toda a energia de atenção fixando-me na parte do flautim, distraíndo-me e perdendo, assim, a execução na sua totalidade; de outro, a possibilidade de utilizar aquela nota como o foco visível, ou seja, um ponto de vista para escutar todas as outras partes da orquestra que entravam em diálogo com ela. A centralidade daquela nota na mente de Bartók, talvez só possa ser explicada em função do movimento inteiro, porque, atravessando-o, o unifica. Era o ponto do qual se poderia perceber o Movimento por inteiro. Este facto aparentemente tão irrelevante, embora eu goste muito de música, voltou à minha cabeça na manhã seguinte quando, ao chegar à Universidade, encontrei uma amiga que estava perturbada com a notícia da morte prematura da mãe de um amigo. Fiquei chocado quando ela me falou da situação complexa da família e da pouca idade daquela mulher. Fiquei por alguns instantes bloqueado diante da morte, fixei-me neste ponto, exactamente como me fixei na nota tocada pelo flautim: a morte torna-se um ponto que, pela sua intensidade, se torna o tudo. E perguntei-me: e se não fosse tudo? Se fosse o ponto (embora horrível) olhando para o qual “o olhar é levado a abraçar tudo o resto” (como diz o texto da Escola de Comunidade; p. 271)? Nesta pergunta consuma-se aquela mesma luta: ou o ponto da realidade que tenho diante de mim é o “tudo”, ou é o nexos com o tudo, ou seja, o lugar onde Deus me obriga a ocupar-me d’Ele. É um milagre. Nessa luta, venceu aquele “defeito que parcializa o nosso olhar”, que me leva com muita frequência a esquecer a relação entre o ponto específico da realidade e sua complexidade. Esta luta, porém, não se deu nos meus pensamentos, mas diante dos factos: a prontidão com que a minha amiga foi fazer companhia àquele amigo que estava sozinho no hospital, a rapidez com que todos os amigos do grupo de Fraternidade se moveram para se organizar e estar perto dele, inclusive através do Terço rezado naquela mesma noite. Aquele ponto – por si só tão insustentável – tinha-se tornado uma ocasião para abraçar as coisas como novas, ou seja, dadas. Pois bem, assim, entendo o texto quando afirma: “Todas as coisas são milagre” (p.270). Até uma nota musical num concerto, se vivida dentro da trama original que me constitui, pode forçar-me a estar atenta a Ele sempre, inclusive diante da morte.

E quando a pessoa começa a experimentar isso, o desejo explode.

Fiquei muito impressionada com a história que tu contaste na tua recente entrevista publicada no Corriere della Sera (“Os soberanismos são falíveis. O cristão tem de vencer o medo”, entrevista a Gian Guido Vecchi, 10 de janeiro de 2019), sobre um imigrante que está num Centro de Acolhimento e se comove quando alguém lhe pergunta se quer carne ou peixe. Impressionou-me, precisamente agora porque, lendo o texto da Escola de Comunidade, no ponto sobre o milagre, Giussani diz que é “como uma particular acentuação dos acontecimentos que remete inexoravelmente para Deus”. E, mais adiante, acrescenta: “para o indivíduo é um poderoso chamamento enquanto, para os outros, é interpretado como um acaso!” (p. 271). Pela experiência de vida que aquele homem tinha, um facto, muito simples e banal para nós, para ele parecia uma coisa que o fez perceber um realce diferente; aos seus olhos, o facto de alguém olhar para ele desse modo foi uma espécie de milagre, e ficou tão espantado que se comoveu. A minha pergunta é sobre isso: eu também, quando estou numa situação ou numa relação pessoal, fico esgotada porque não sei como sair do impasse, agora mais do que nunca percebo que não sou eu que crio a realidade, tanto que as coisas não acontecem como eu gostaria. O que acontece é que me vejo “pobre”, porque não tenho o manual de instruções e não consigo arranjar-me sozinha, preciso, por força, de me apoiar n’Aquele que – é muito evidente nesses momentos – tem a minha vida nas mãos, e vejo-me literalmente mendigando uma resposta, que aconteça algo na realidade que me faça perceber, que coloque luz sobre aquilo que não consigo desvendar. Nestes momentos, presto atenção a tudo e, estranhamente, sempre acontece alguma coisa (um versículo das Vésperas, uma palavra dita meio por acaso por algum amigo) que responde à minha pergunta de um modo transbordante e tão verdadeiro que me faz inevitavelmente pensar numa iniciativa de Deus, em algo colocado ali exatamente para mim e não por acaso, e que me faz recomeçar. Normalmente não resolve a minha situação, mas certamente muda a minha postura diante da situação. Bem, eu gostaria que esse milagre acontecesse todos os minutos. Gostaria de ser sempre preferida desse modo por Deus. Mas Gius exactamente sobre isto diz, sobre isso: “Quanto mais um homem tem uma sensibilidade e dinâmica do seu nexa com o Outro [...], tanto mais tudo tende a tornar-se milagre para ele” (p. 270). Então, o que me ajuda a ter essa postura? A permanecer na espera e a evitar que se torne pretensão?

Como é que o Mistério te ajuda? Porque é que o que tu leste na minha entrevista se tornou eloquente para ti agora?

Porque me impressionou muito o nexa entre a experiência daquele homem e o que acontece comigo quando sou como aquele homem, quer dizer, pobre.

Ou seja, quando reconheces a tua dependência.

Exacto.

A dependência em vez da autossuficiência. Todos nós nos identificamos com o que tu dizes: “Gostaria que este milagre acontecesse todos os minutos”. Gostaríamos de viver a realidade com a transparência com a qual Jesus vivia cada instante. Porquê? Porque a vida torna-se uma outra coisa, e então a santidade começa a ser interessante. Qual é o método que Deus usa? Deus chama o indivíduo de modo extraordinário através de factos particulares, como vemos nos milagres. Santo Agostinho diz, comentando as bodas de Caná (que lemos no Evangelho do último domingo): “Deus reservou a si realizar algumas coisas insólitas [aquele milagre] para tirar os homens de seu torpor [que não nos deixa ver] e chamá-los ao Seu culto com novas maravilhas” (*Comentário ao Evangelho de João*, Homília 8). Então, qual é o valor desses momentos particulares através dos quais Ele nos educa, como se dizia antes, como se realiza essa função educadora da consciência da pessoa? Através deles o Senhor chama-nos, alargando novamente a nossa razão de modo a podermos ver o milagre que está a acontecer. Qual é a condição para poder ver isso? Não basta que os milagres existam, porque normalmente acontecem diante de nós, mas não os vemos; é preciso – e, assim, respondo à segunda pergunta do amigo que fez a primeira intervenção – uma abertura, uma simpatia, porque sem uma “simpatia prévia e, no mínimo, implícita em relação a Deus, não se pode apreender um acontecimento como milagre” (p. 273). Senão, há um defeito do olhar que impede ver. Este é o valor educativo dos gestos que Deus realiza: através deles escancara-nos permitindo-nos, assim, ver o que está a acontecer diante dos nossos olhos.

Mas isso requer algo da nossa parte: “O empenho do homem e a sua disponibilidade devem levá-lo a abrir-se também à existência experimental de um acontecimento que não pode ser reconduzido às categorias de uma sabedoria puramente racional ou científica” (pp. 273). Esta é a aventura na qual estamos envolvidos. Se não queremos perder o espetáculo do milagre que acontece diante dos nossos olhos (e que normalmente, por causa da nossa aridez e falta de transparência, não captamos), a única possibilidade é ir atrás da modalidade que nos educa a assumir o mesmo olhar que o d’Ele. Deste modo, pouco a pouco, começamos a surpreender em nós o mesmo olhar de Jesus quando olhava os lírios do campo ou os pássaros: via tudo vibrar e aquela era a modalidade com a qual o Mistério, que era seu Pai, tornava acontecimento tudo o que acontecia. E tudo se tornava milagre.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira, 20 de fevereiro, às 21h00. Continuando o capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, de *Porquê a Igreja*, trabalharemos sobre mais duas características da santidade (como vimos, a primeira é o milagre): o equilíbrio e a intensidade, da página 276 até a página 279.

Livro do mês para fevereiro e março é “*O Sangue do Amor*”. Conta a história dos 19 mártires da Argélia que foram beatificados no último dia 8 de dezembro. Este livro tem ligação com o tema da santidade que estamos a trabalhar na Escola de Comunidade. O testemunho deles torna-nos ainda mais gratos ao Senhor.

Banco Farmacêutico. Sábado, 9 de fevereiro, acontecerá em toda a Itália o Dia da Recolha de Medicamentos. Em milhares de farmácias serão recolhidos remédios para serem doados a mais de 1.700 entidades assistenciais que cuidam dos pobres. Novamente é-nos oferecida a possibilidade de viver um gesto de caridade, que é o coração do modo de viver que Cristo trouxe ao mundo. A caridade, como também está bem documentado na *Passos* deste mês – que convido todos a lerem com atenção –, é a marca mais forte do cristianismo na história. Para a Recolha de Medicamentos são necessários muitos voluntários. Quem deseja participar pode encontrar todas as informações no site do Banco Farmacêutico.

Neste período, na Itália e no estrangeiro, serão celebradas as Santas Missas para lembrar o aniversário do reconhecimento da Fraternidade e o aniversário da morte de don Giussani. Este é um gesto de agradecimento pelo que nos foi dado através desta companhia e para pedir para permanecermos sempre fiéis ao dom recebido.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos.